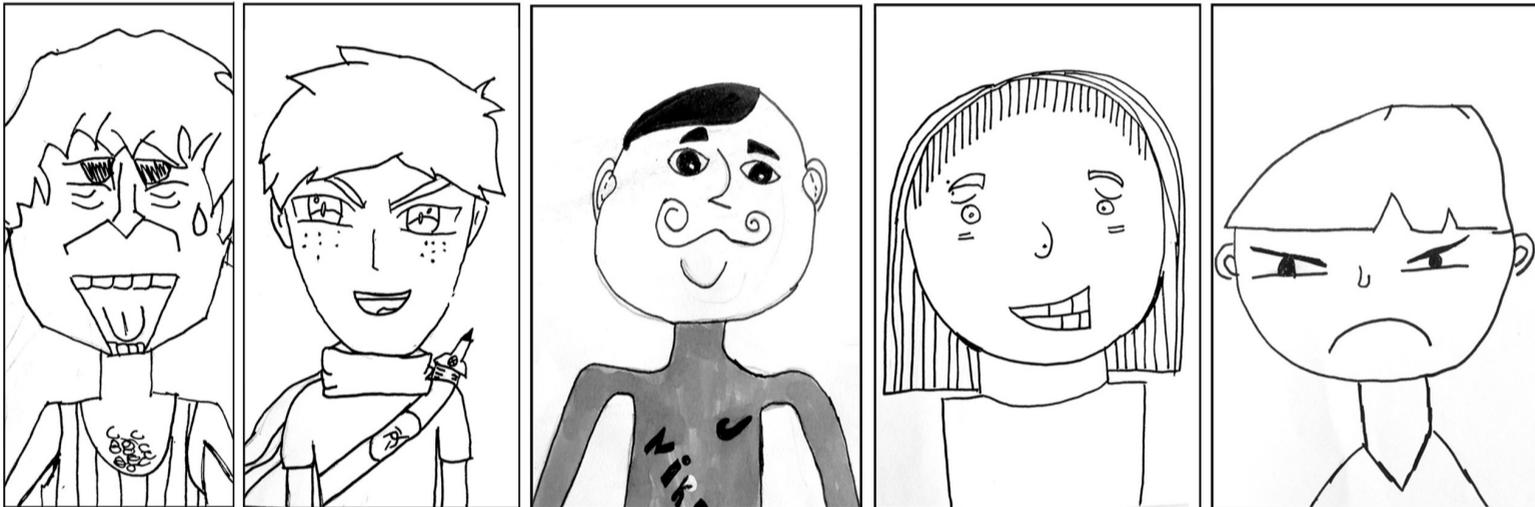




# no arauto CIDADANIA EM MOVIMENTO

## EDITORIAL



Ao longo dos anos, o ARAUTO tem procurado estimular de diferentes formas a participação da comunidade escolar, levando-a a colaborar (em particular, alunos e professores) na construção de um jornal que é de todos. Para isso, temos ido ao encontro de preocupações atuais e tentado dar-lhes uma voz.

Este número, dedicado à cidadania ativa, foi realizado essencialmente com a colaboração dos alunos. Participaram nesta edição um conjunto de nove turmas distribuídas pelos diferentes anos do ensino básico e secundário, e esta participação não teria sido possível sem a orientação dos professores que guiaram o seu trabalho. Este cuidado contribuiu para dar forma a uma colaboração que, unindo num só projeto diferentes níveis etários, de maturidade e consciência crítica, de capacidade de reflexão e de cultura, é um pequeno sinal do que será necessário fazer para tornar o mundo um lugar melhor – e não apenas para nós, mas para as muitas outras espécies que, após milhões de anos de evolução conjunta, se encontram ameaçadas de extinção em resultado da forma como vivemos a vida que nos coube e a organizamos no quadro global da civilização.

São alguns dos desafios que a civilização hoje enfrenta (desrespeito pelos direitos humanos, alterações climáticas, etc.) que servem de tema ao jornal. A forma como coletivamente lhes respondermos irá marcar não apenas o nosso futuro – em particular, os dos jovens que nele colaboraram – mas o das gerações futuras. E nada garante, por agora, que estejamos à altura do desafio.

A equipa do ARAUTO



### FICHA TÉCNICA DESTE JORNAL:

Propriedade da Escola Secundária Manuel de Arriaga | Coordenação: Adalberto Branco, Jorge Costa Pereira e Paulo Ruas | Colaboraram com artigos neste número: Ana Benfeitinho, Gonçalo Cabaça, Maria do Céu Brito, Juiz Conselheiro Álvaro Laborinho Lúcio, Departamento 3, Grupo de Espanhol, Equipa da Biblioteca da Escola e Rui Machado | Colaboraram com cartazes e textos as turmas do 7ºB, 7ºC, 8ºA, 8ºF, 9ºC, 9ºD, 10ºD, 11ºF e 12ºA. Colaboraram com ilustrações (fragmentos de tiras e de pranchas de BD) os alunos das turmas do 7º B, 7ºC e 7ºD.

# Afinal o que é feito da nossa ex-aluna

AFINAL O QUE É FEITO

## Bilhete de Identidade

Nome: Ana Benfeitinho

Idade: 20 anos

Ocupação: Estudante

### Onde está agora a nossa ex-aluna Ana Benfeitinho?

Estudo no Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE-IUL) em Lisboa. Atualmente, encontro-me na cidade de Praga, na República Checa, onde estudo na Czech University of Life Sciences, através do programa Erasmus.

### Uma pequena apresentação do local/cidade onde estás a estudar...

Relativamente a Lisboa, por vezes é difícil ver a beleza da capital no meio de toda a agitação e confusão aqui vivida. No entanto, sinto que a cidade consegue ser bastante acolhedora, animada e com paisagens de tirar o fôlego.

Já no concerne ao ISCTE, é uma faculdade localizada no centro de Lisboa que oferece inúmeras atividades extracurriculares, que organiza regularmente eventos de âmbito cultural e educacional. Além disso, o espírito vivido pelos alunos é de muita animação e interajuda.

### Qual o curso que estás a tirar?

Gestão.

### Foi esse o curso sempre ambicionado e sonhado?

Sim, sinto-me extremamente realizada neste curso.

### Como foi passar do sonho à concretização?

Não é fácil abandonar os que mais gostamos e o local onde crescemos. No entanto, agora que apenas me falta um ano para terminar a licenciatura, só posso dizer que já sinto saudades.

### E como é a vida do dia a dia?

Só tinha aulas das 8h às 12.30h no ISCTE, o que me permitia ter a tarde livre para estudar e participar nas atividades que a faculdade me proporciona. Além disso, tinha a oportunidade de desfrutar das diversas oportunidades culturais e desportivas que a cidade oferece. Em Praga, face à atual pandemia, a minha rotina é um pouco diferente. No entanto, é possível continuar a desfrutar desta cidade magnífica e viver, sem dúvida, uma excelente experiência cultural.

### De que forma é que a ESMA te marcou como aluna?

Na ESMA aprendi e cresci. Além de todo o conhecimento que adquiri nas aulas, sinto que fora delas aprendi muito. Particpei em vários projetos oferecidos pela escola (AE, Parlamento do Jovens...), os quais me deram conceitos e princípios que ainda hoje me são úteis. Além disso, da ESMA também guardo as pessoas. Muitas delas estão comigo hoje e as que não estão, continuo a nutrir por elas um carinho muito grande.

### Uma experiência inesquecível da ESMA?

A ESMA foi certamente palco de momentos fantásticos. Todavia, sinto que o último ano que frequentei a escola foi o que me deu as melhores recordações (talvez por já estar com uma certa nostalgia). Tive a oportunidade de ir a Estrasburgo no projeto EuroEscola, e essa foi sem dúvida uma experiência fascinante. Além disso, como qualquer estudante que tenha essa oportunidade, nunca esquecerei o meu Baile de Finalistas.

### E uma negativa?

Sinto que a pior fase que passei na ESMA foi antes dos exames nacionais do 12º ano. Deixei-me consumir pela ansiedade e ambição, o que prejudicou o meu estudo. Apesar da situação em si ser menos boa, pude aprender com ela.

### Aquilo que mais gostavas na ESMA era....

O que gostava da ESMA era entre muitas coisas o espírito acolhedor. Nunca me sentia completamente sozinha. Mesmo não estando com o meu grupo mais próximo de amigos, sentia que entrava na sala de estudo, na biblioteca, no bar e vi sempre uma cara conhecida que me reconfortava de alguma forma. Agora, numa faculdade com 9 mil pessoas, dou muito valor a esses "pequenos pormenores".

### Aquilo que decididamente detestavas na ESMA era...

Sinceramente, não consigo dizer nada que detestasse na ESMA. Certamente me queixava de horários, regras... Mas sei que tinham um propósito, não podendo por isso dizer que detestava.

### Uma mensagem aos alunos da ESMA de hoje...

Sigam sempre os vossos sonhos e vejam os obstáculos do vosso percurso como momentos de crescimento e aprendizagem.

## Para te conhecer melhor

### Qual a tua Música preferida?

All I want- Kodakline.

### Qual é o filme da tua vida?

Soul Surfer, de Sean McNamara.

### Um programa de TV que tentas não perder?

As Telefonistas.

### Desporto que praticas ou praticaste?

Voleibol.

### Hobby preferido?

Viajar.

### O livro que mais gostaste de ler?

1984, de George Orwell.

### O livro que está na tua mesa de cabeceira?

Pássaros Feridos, de Colleen McCullough.



# e do professor ?

## Bilhete de Identidade

Nome: Gonçalo Machado Rebelo Fernandes Cabaça

Idade: 48 anos

Professor da ESMA de 1997 a 2008

Formação académica: Licenciatura em Design Industrial- IADE

Bacharelato Realização Plástica do Espectáculo- Escola Superior de Teatro e Cinema

Mestrado em Efeitos Digitais (Master of Arts Digital Effects)- Bournemouth University

Grupo de Lecionação: Artes

Profissão atual: Lead FX TD



### Onde está agora o professor Gonçalo Cabaça?

Desde que saí do Faial vivi em Bournemouth, Londres, Los Angeles, Sydney, New York, São Francisco e estou atualmente em Singapura onde vivo há 6 anos.

### Uma pequena apresentação da escola onde está ou do trabalho que faz...

Trabalho em efeitos visuais numa empresa chamada *Industrial Light and Magic*, que faz parte da Lucas Film. O meu trabalho é liderar a equipa de efeitos digitais do filme em que estamos a trabalhar.

### E do local/cidade/país onde vive agora...

Singapura é uma cidade que também é um país. Fica no Sudoeste Asiático, entre a Indonésia e a Malásia. É um sítio interessante, onde coexistem pacificamente culturas de origem chinesa, islâmica e indiana.

A localização geográfica é para mim um dos maiores atrativos, pois está relativamente próxima de sítios de uma beleza natural extraordinária que antes me eram inacessíveis.

### Foi professor na ESMA durante quanto tempo?

Fui professor na ESMA durante 10 anos letivos, de 1997 até 2008.

### O que faz agora?

Agora trabalho em Efeitos Visuais para cinema. Criamos fenómenos no computador que não são possíveis captar com uma câmara de filmar, e que podem ser explosões, fumo e fogo, simulação de líquidos, destruição de edifícios, partículas, efeitos mágicos, fagulhas, raios elétricos, etc., que são depois integrados nas filmagens como se tivessem acontecido realmente à frente da câmara.

### Quando e que razões o levaram a sair da ESMA?

Em 2008 fiz uma interrupção temporária como professor por desejo de voltar a ser aluno e aprender mais sobre uma área diferente. Depois, o regresso foi adiado e a vida tomou outro caminho.

### De que forma é que a ESMA o marcou como docente?

De formas que nem sei descrever... A ESMA foi a primeira e única escola em que lecionei. Portanto, é a melhor de todas!

No início lembro-me de uma auxiliar da ação educativa dizer-me para não entrar na sala enquanto não chegasse o professor! Mas eu é que sou o professor... Desde essa altura a tatear o que significa lecionar, o que significa aprender e experimentar. Os alunos e colegas com quem me cruzei fizeram-me aprender muito sobre mim e sobre os outros. Foi uma experiência riquíssima.

### Uma experiência inesquecível da ESMA?

É difícil escolher só uma... talvez o projeto com a EB2 de construção de jangadas com materiais exclusivamente reutilizados para atravessar o canal entre o Faial e o Pico! Ainda hoje olho para fotografias deste evento, com os alunos a bordo das jangadas que eles próprios construíram, a remar no meio do canal, e fico maravilhado!

### E uma negativa?

Ser professor responsável por investigar o processo disciplinar de um aluno que era colaborador permanente do Arauto (que eu coordenava com a Adélia Goulart). Um aluno com um percurso complicado que tinha muitos conflitos com a escola mas que participava entusiasticamente no Jornal. Quando fiz o papel de investigar o processo penso que sentiu que me tinha virado contra ele. Nunca mais consegui restabelecer essa relação.

### Aquilo que mais gostava na ESMA...

Jogar à bola com os meus alunos do oitavo...

### Aquilo que decididamente detestava na ESMA era...

Jogar à bola com os alunos do 12º ano. Jogavam muito esses moços, eu quase não tocava na bola e não podia fazer brilhantes...

### Um episódio da vida docente que mereça ser partilhado...

Um dos últimos projetos que fiz com os meus alunos foi o *Alter-Ego Temporal*... Os alunos iam procurar o aluno com o mesmo número da mesma turma dez anos antes. Portanto, o aluno número 5 do 7ºC ia fazer de detetive e procurar o aluno correspondente dez anos para lhe perguntar sobre o seu percurso de vida! Era um projeto extracurricular e facultativo. Investigaram com ajuda dos pais e familiares e fizeram perguntas que estruturámos na sala de aula sobre o seu percurso de vida e ouviram as histórias que tinham para contar. Depois, partilharam o que encontraram com o resto da turma, fizeram mapas com origem na escola

onde as pessoas foram parar. Penso que foi um projeto rico para pensar o futuro e criar encontros entre gerações diferentes, pela ligação à escola e ao número dos alunos da mesma turma em décadas diferentes.

### Um episódio da sua nova vida profissional que queira partilhar...

Depois de tantos anos a olhar o mar no Faial, recentemente trabalhei numa sequência em que criámos o mar revoltado que rodeava a luta dos personagens principais do último filme do *Star Wars*, o que me levou a Los Angeles para receber o prémio de melhores efeitos visuais da *Visual Effects Society* em nome da minha equipa!

### Uma mensagem à ESMA de hoje...

Entusiasmo! Em qualquer projeto, a primeira coisa a fazer é encontrar o ângulo que permita o entusiasmo. É o mesmo na relação com as pessoas, enquanto não se conseguir encontrar forma de gostar e cuidar daqueles com quem trabalhamos não se vai a lado nenhum...

### O que gostava de dizer aos alunos da escola de hoje?

Não sei se tenho alguma coisa relevante para dizer... Mas gostava que descobrissem que é melhor observar quando não se é só espectador.

Que um aluno que desenha tem mais fascínio pelos desenhos dos outros, assim como um aluno que faz vídeos no *Youtube* tem mais interesse na linguagem cinematográfica, e alguém que escreve tem mais vontade de ler.

E que, por isso, vale a pena experimentar e fazer alguma coisa que ninguém mandou fazer... música, desenhos para *tshirts*, filmes video, tricô, fazer a tua própria roupa, escrever mensagens poéticas em autocolante e colar na paragem da urbana, pintar casas dos caracóis para não serem pisados pelos transeuntes...

## Para o conhecer melhor

### Qual o conteúdo do Programa que mais gostava de ensinar?

O programa de Materiais e Técnicas de Expressão Plástica na altura dava bem para adaptar à construção de cenários e personagens para filmes de animação! Com a ajuda do professor/a de Português, para as bases da construção de uma história, e do centro de multimédia para filmagens e edição, os alunos de artes do secundário fizeram filmes animados durante vários anos.

### Qual a sua Música preferida?

Pink Rabbits - the National.

### Qual é o filme da sua vida?

Playtime - Jacques Tati.

### Um programa de TV que tenta não perder?

Não vejo televisão... Não perco um Radiolab (programa de radio/podcast).

### Desporto que pratica ou praticou?

Fiz muita natação, mas hoje em dia o que faço é correr 2 vezes por semana.

### Hobby preferido?

Fotografia e desenho.

### O livro que mais gostou de ler?

Narciso e Goldmundo - Herman Hesse.

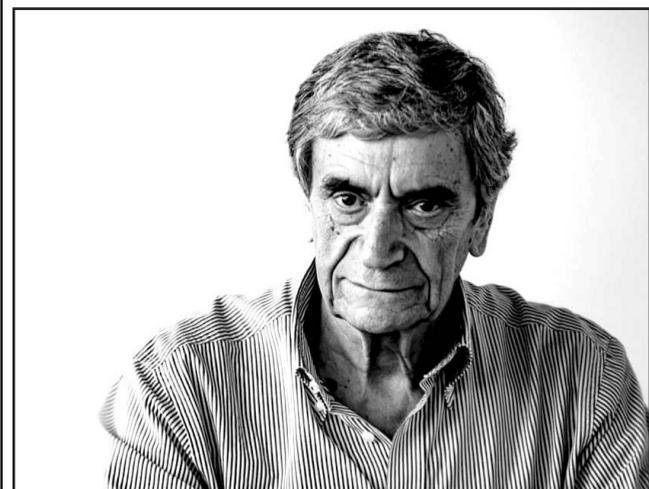
### O livro que está na sua mesa de cabeceira?

*A Supposedly Fun Thing I'll never do again*

- David Foster Wallace.



“Educar é ter uma atitude crítica, actuante e modificadora, onde germina e se desenvolve a construção do tempo futuro”



**A estratégia nacional de educação para a cidadania fundamenta-se num “conjunto de direitos e deveres que devem estar presentes na formação cidadã das crianças e dos jovens portugueses, de forma a promover uma conduta cívica que privilegie a igualdade, a integração da diferença e o respeito pelos Direitos Humanos”. Em seu entender, de que forma a escola poderá promover a conduta cívica dos jovens, de uma forma conseqüente, se deixámos de ser presentes ao olhar o outro e o diálogo ocorre detrás de algoritmos, nas redes sociais, por exemplo?**

Até há pouco, à Educação e à Escola pedia-se que respondessem à questão de saber, para quê educar? Apostavam, uns, no desenvolvimento económico com objectivo privilegiado de uma educação pública moderna; enquanto outros, mais conservadores, dizia-se, se batiam por uma educação concebida como instrumento para a cidadania e para a democracia. Em breve foi possível compreender o óbvio, por força do qual, não fazia sentido a alternativa, antes o que importava era assentar na convicção de que o que importava era cometer à educação e à escola a tarefa de formarem para a cidadania, a democracia e o desenvolvimento económico. Hoje, porém, diante do absurdo em que se traduz a pandemia que assola o mundo global, a questão não é já apenas a de saber para quê, mas, sobretudo, a de definir para o quê educar. Não se tratando de um jogo de palavras, o que está aqui em causa não é já apenas a necessidade de definir um objectivo para a educação, mas a de conhecer, antes disso e como condição disso, aquilo que lhe é exterior e para o qual se dirige a tarefa de educar. A Educação não se limita então, aqui, a uma espúria dupla vocação de objecto a transmitir e de instrumento de transmissão, assumindo, antes, a sua verdadeira natureza, da qual o próprio tempo faz parte integrante e inseparável. Quer, afinal, isto dizer que educar não é mais uma actividade neutra nem um instrumento de perpetuação de uma realidade, mas sim, ao invés, uma atitude crítica, actuante e modificadora, onde germina e se desenvolve a construção sempre inovadora do tempo futuro. À Escola não pode deixar de se pedir hoje que forme para o pensamento crítico, para a capacidade de escolha, para as competências para a acção, e jamais para uma acção desligada do pensamento e da autonomia que assegura a validade das escolhas. Não, por isso, uma educação que forme para o que se lhe comete como finalidade (quê), mas sim que forme para a autonomia necessária para enfrentar criticamente a realidade e saber agir livre e conscientemente sobre ela (o quê).

Uma Educação que, na expressão luminosa de Edgar Morin, tenha como objectivo a preservação da humanidade como comunidade de destino.

**Vivemos tempos de grande complexidade originados pela COVID, o que nos obriga, de certo modo, a interrogar sobre o sentido da nossa vida. Em seu entender, de que forma esta crise reclama de todos nós obrigações positivas de solidariedade para com os mais pobres e a vivência de uma cidadania mais ativa?**

A COVID, no absurdo que a caracteriza, coloca-nos perante a necessidade de respondermos a perguntas que nunca nos fizemos, exactamente porque o absurdo da sua natureza veio colocar-nos diante da ilusão da nossa própria lógica, firmada na certeza onde tudo era incerto, na segurança onde tudo era risco, na inevitabilidade onde tudo era complexo e mutável. De súbito, a pobreza, que havíamos reduzido a uma simples dimensão estatística, veio tocar-nos nos vizinhos e conhecidos, a

intranquilidade e o medo, ocuparam a segurança dos nossos *check-ups* regulares, as profissões de prestígio foram confrontadas com outras das quais depende a nossa sobrevivência, médicos, enfermeiros, distribuidores de produtos alimentares, encarregados da recolha do lixo vieram ocupar o lugar dos heróis, cabendo-nos, agora, a nós, redefinir o nosso lugar, afirmando a solidariedade a quem dela precisa e desejando que a ela tenhamos acesso quando dela nos sentirmos carecidos. Ser solidário, hoje, é ser informado, crítico, activo e responsável. É rejeitar a cómoda indiferença e assumir o nosso lugar numa comunidade que nos exige acção, cooperação e disponibilidade com e para o outro.

**A nossa liberdade individual e coletiva foi fortemente coartada com os sucessivos confinamentos. Verificou-se muitas vezes o conflito entre o direito à liberdade individual e o direito de todos à segurança e à vida (no que diz respeito às pessoas mais vulneráveis). De que forma a COVID nos impôs uma nova consciência da liberdade, e uma maior responsabilidade face ao outro?**

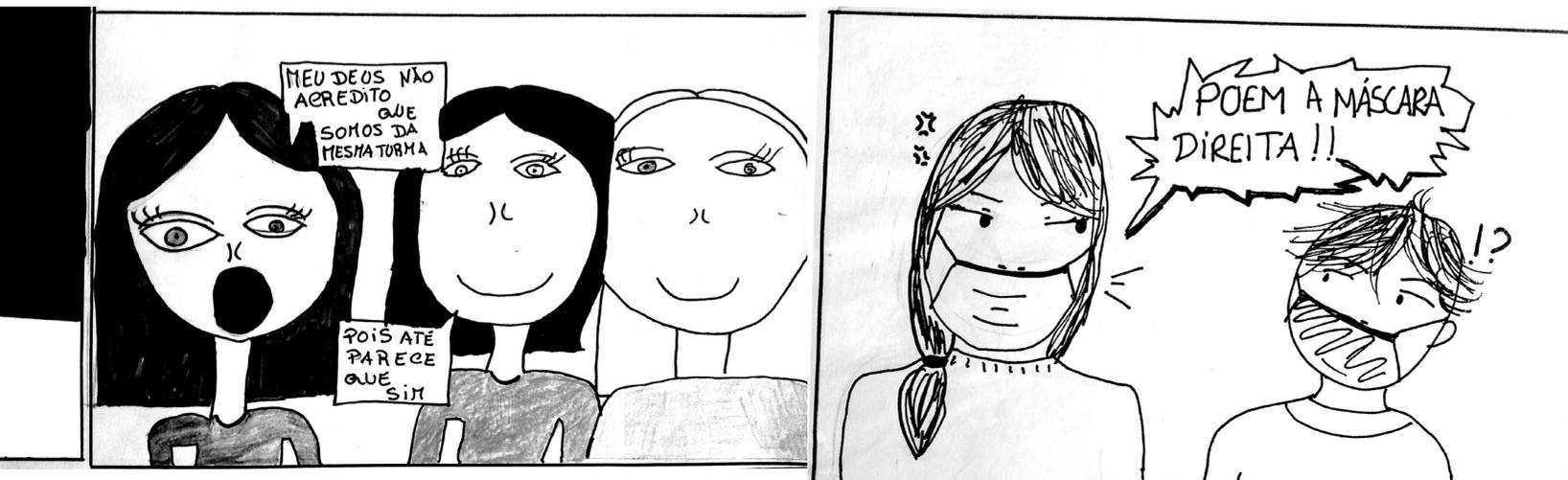
Espero sinceramente que as restrições a direitos, liberdades e garantias que a necessidade de preservação de um bem igualmente valioso, como o da vida, não tenham acabado por contribuir para um maior deslaçamento dos valores democráticos e do respeito devido ao superior sentido a reconhecer aos direitos humanos. Num tempo em que a eficácia tende a ser elevada à condição de valor fundamental e a inevitabilidade nos é tantas vezes apresentada como imposição que nega a crítica e o conflito, é perigosa a demonstração de que à limitação daqueles direitos fundamentais, corresponde uma maior eficácia na resposta a problemas que nos tocam a todos. A questão não está agora em avaliar o estado da nossa democracia. A questão está em saber se ela continua a contar com verdadeiros democratas. Também por isso, a Educação e a Escola constituem aqui factores decisivos na defesa dessas realidades incertas, frágeis e, apesar disso, insubstituíveis, que são a democracia e a própria política.

**O diálogo é uma das tradições mais privilegiadas no ocidente e a génese da tolerância. Neste tempo, em que os media e as redes sociais nos manipulam quotidianamente, como promover o diálogo, a reflexão e a tolerância nas nossas escolas?**

Essa é uma das mais inquietantes preocupações dos nossos tempos quando falamos de Educação e de Escola. Uma enviesada noção de sucesso assente na competição, numa avaliação de desempenho referida a um suposto mérito definido a partir de um quadro de referências estereotipado e apresentado como referente igualitário, e na valorização da Escola não a partir da qualidade da sua proposta, mas apenas centrada na qualidade da resposta dos alunos, gera uma relação de convivência onde a disputa, a divisão entre vencedores e vencidos, vem a impedir o diálogo entre diferentes, a tolerância pela própria diferença, o enriquecimento a partir da diversidade das experiências e as formas de pensar e agir.

Promove-se um pensamento único, onde devia apostar-se na formação e valorização das consciências críticas, insiste-se precocemente na criação de competências, antes de se promover as capacidades, joga-se no certo, no seguro e no padronizado, em vez de se trabalhar o complexo, o incerto e o diverso.

Não podemos deixar de promover uma profunda reflexão sobre tudo isto.





## Como garantir a liberdade dos cidadãos numa sociedade em que todos somos e estamos a ser vigiados, na internet, nos sites que visitamos, nas pesquisas e compras que fazemos on-line?

Receio que estejamos a viver um tempo no qual a uma evidente sensação de liberdade estejamos a fazer corresponder um sentimento de poder que, bem vistas as coisas, tem muito de ilusório. São vários os factores que para isso têm contribuído em simultâneo. Um deles, talvez o principal, é o crescimento do individualismo, muito ligado a valores próprios do ter e à afirmação de cada um no seu próprio privatismo, leva a que o estatuto económico comande boa parte dos objectivos de vida, seja na procura de o atingir e conservar, seja na reacção psicológica gerada junto daqueles que dele se sentem à partida excluídos. Quando liberdade e estatuto económico se cruzam, é a liberdade que perde densidade e dimensão, transformando-se em mera funcionalidade dirigida, como instrumento, à realização de fins que lhe são alheios. O consumo, enquanto prova de sucesso, torna-se sedutor. Ora, esta é uma liberdade pobre quando comprometida com o poder. É mesmo, pode dizer-se, uma liberdade sem poder. Por isso mesmo ela é hoje sentida pela grande maioria, que a esbanja nas redes sociais e julga exercê-la numa atitude crítica auto-contempativa, mas sem a menor relevância no espaço onde, realmente, o poder se exerce e é imposto. É, por isso, fundamental renovar o espaço público, dar campo ao conflito, ao debate de ideias, à discussão. Para isso, é essencial que, como cidadãos sejamos capazes de reclamar uma informação séria e credível, de exercer uma crítica activa, de assumir acção modificadora no dia-a-dia. Então. Sim, veremos onde chega realmente a nossa liberdade e, talvez, sejamos surpreendidos a ter de lutar por ela.

## Qual o papel da Educação para a Cidadania na sociedade digital?

Julgo poder dizer que o papel da educação para a cidadania não se altera conforme a sociedade seja ou não digital. O digital vai colocar novas questões, é certo, e não são poucos os perigos que encerra, a par das virtudes que obviamente comporta. Neste momento não faltam já sérios avisos a alertarem para aqueles riscos, nomeadamente para a democracia, tanto no que se refere ao poder das tecnologias de informação e da biotecnologia, como no desenvolvimento das áreas de influência do digital em geral. No fundo, a questão central volta a ser a da localização do poder e da natureza deste, e do perigo da instalação de uma verdadeira ditadura digital. Ora, neste caso, o lado errado da enunciação é o que é definido pela ditadura e não o que se refere ao digital. A questão está, pois, em garantir a democraticidade do poder sobre as tecnologias, o que nos reconduz à questão da formação para a cidadania e, aqui, para a exigência junto de todos de uma constante vigilância sobre o poder, a sua legitimidade, o seu exercício concreto e a constante prestação de contas que deve sempre acompanhá-lo. Para isto, importante é também a noção de que, educação aqui, não é apenas uma responsabilidade da escola. É-o sempre, mas uma educação com vista à formação integral do ser humano é responsabilidade de toda a comunidade, por si, e através das várias instituições e organizações que lhe dão corpo. Só uma comunidade que preza a cidadania pode tomar em mãos uma educação que visa atingir graus mais elevados do seu exercício activo.

## Como tornar evidente às pessoas comuns que a organização do espaço público e a discussão política e social depende hoje, em larga medida, de um algoritmo, consequentemente, de uma desumanização?

A completa ausência de debate e até de conflito público de opinião acerca do

tema da desumanização previsível como consequência dos avanços da tecnologia em geral, não deixa de constituir já, por si só, um primeiro ponto de preocupação. Hoje, em boa parte dos campos de acção humana, o algoritmo já conquistou espaço e, convenhamos, muito tem a humanidade retirado daí como valor de progresso. Uma vez mais, porém, estamos diante de uma velha questão que já conhecemos dos tempos da revolução industrial e, depois, da primeira grande afirmação do valor do conhecimento científico e das descobertas por este promovidas. Como já vai sendo defendido hoje, entre aquela revolução industrial e esta revolução digital, a grande transformação opera ao nível do objecto sobre o qual cada uma delas inervem, sobre o seu verdadeiro conteúdo. Ali, foi sobre a natureza que a ciência e o novo instrumental por ela produzido actuaram, com as consequências, boas umas, nefastas outras, bem conhecidas. Aqui o objecto sobre o qual se intervêm, não é já a natureza, mas sim a natureza humana que assim é capturada e trabalhada não como destino, mas sim como conteúdo. Anuncia-se segurança em vez do risco, promete-se certeza no lugar da dúvida, oferece-se linearidade para substituir a complexidade. O objectivo é agora o do grande algoritmo, que a tudo responda, que tudo resolva, superando a angústia de um humano relativo e contraditório. O ser humano tenderá para a irrelevância, dizem já alguns. E lá volta, outra vez, a questão do poder. O erro está, pois, em combater o avanço das tecnologias, a inteligência artificial, o algoritmo, deixando livre o terreno onde se joga o político e se afirma o poder que sobre tudo isto exercem uns poucos em detrimento da esmagadora maioria dos restantes. E fica a pergunta: será que ainda podemos continuar, com Edgar Morin, a olhar a humanidade como comunidade de destino?

## Em 2003, enquanto Ministro da República para os Açores, organizou o Congresso da Cidadania, um projeto que envolveu ativamente as comunidades e todas as escolas da RAA. Tem algum evento que o tenha marcado, em particular?

É muito difícil destacar um momento entre tantos que me tocaram particularmente. O Congresso da Cidadania tem na comunidade açoriana toda a razão de ser do seu mérito e do êxito enorme que atingiu. Um Congresso que se desenvolve por meses, em todos os concelhos de todas as ilhas da Região, necessitou de uma aturada preparação e essa foi, certamente, um dos grandes motivos de encantamento cívico e humano para mim. Durante muitos meses, percorri todas as ilhas, reuni com associações, autarquias, personalidades, escolas, eu sei lá, sempre convidando à acção, pedindo sugestões, aceitando propostas de colaboração. Com o apoio do Governo Regional e com o acompanhamento empenhado da Assembleia Legislativa, foi fácil montar os trabalhos e fazê-los arrancar no ano seguinte. Aí, para lá de um conjunto de cerca de sessenta conferências, com convidados de várias origens, lançámos aquilo que designei por projectos de adesão. Falo disso porque é talvez aqui que concentro a minha maior emoção ao recordar o Congresso da Cidadania. Do que se tratava era de convidar as populações a concorrerem ao programa do Congresso com projectos de cidadania de sua iniciativa. Cada proposta faria parte do programa formal do mês posterior ao do seu recebimento. Recordo que, no meu gabinete, com a equipa fantástica que organizou os trabalhos, nos dividimos quanto ao número de candidaturas que imaginávamos serem apresentadas. Eu, que era o mais optimista, acreditava que talvez chegássemos a quarenta. Foram mais de cento e cinquenta! Foi esta a resposta dos açorianos e das açorianas. É por estas, e por outras, que apesar dos perigos que nos espreitam não tenho o direito de deixar de ser optimista.

Questões elaboradas pela professora Maria do Céu Brito





COM OU SEM  
DINHEIRO  
SOMOS  
TODOS = \$

Riqueza não dá felicidade nem tristeza. Pobreza não dá felicidade nem tristeza. Pobreza é a falta de alguma coisa. É a necessidade de algo, mas não ter os meios para as obter. É chegar ao ponto de ter de abdicar dos seus bens para ter algo que comer. É ter de abdicar de um banho ou dois para poder pagar a conta da água. Para nós, a pobreza é considerada uma minoria das mais graves do mundo. Não temos muita experiência ou conhecimento sobre a pobreza, mas nos últimos anos chegámos a conhecer duas pessoas, que não nomearemos, mas que considerámos como parte dessa minoria. Percebemos o quanto isso afeta, mas, mesmo assim, são pessoas felizes, não é como todos aqueles estereótipos que criamos. Riqueza não dá felicidade nem tristeza. Pobreza não dá felicidade nem tristeza. Normalmente associamos pobreza a tristeza, mas não é totalmente verdade, às vezes até é o contrário. [...]

A turma do 7.º C empenhou-se na construção de um cartaz que pudesse alertar para a importância do combate ao racismo. Sabemos que atualmente, infelizmente, muitas pessoas são alvo de discriminação por causa de vários aspetos, nomeadamente por causa do seu tom de pele.

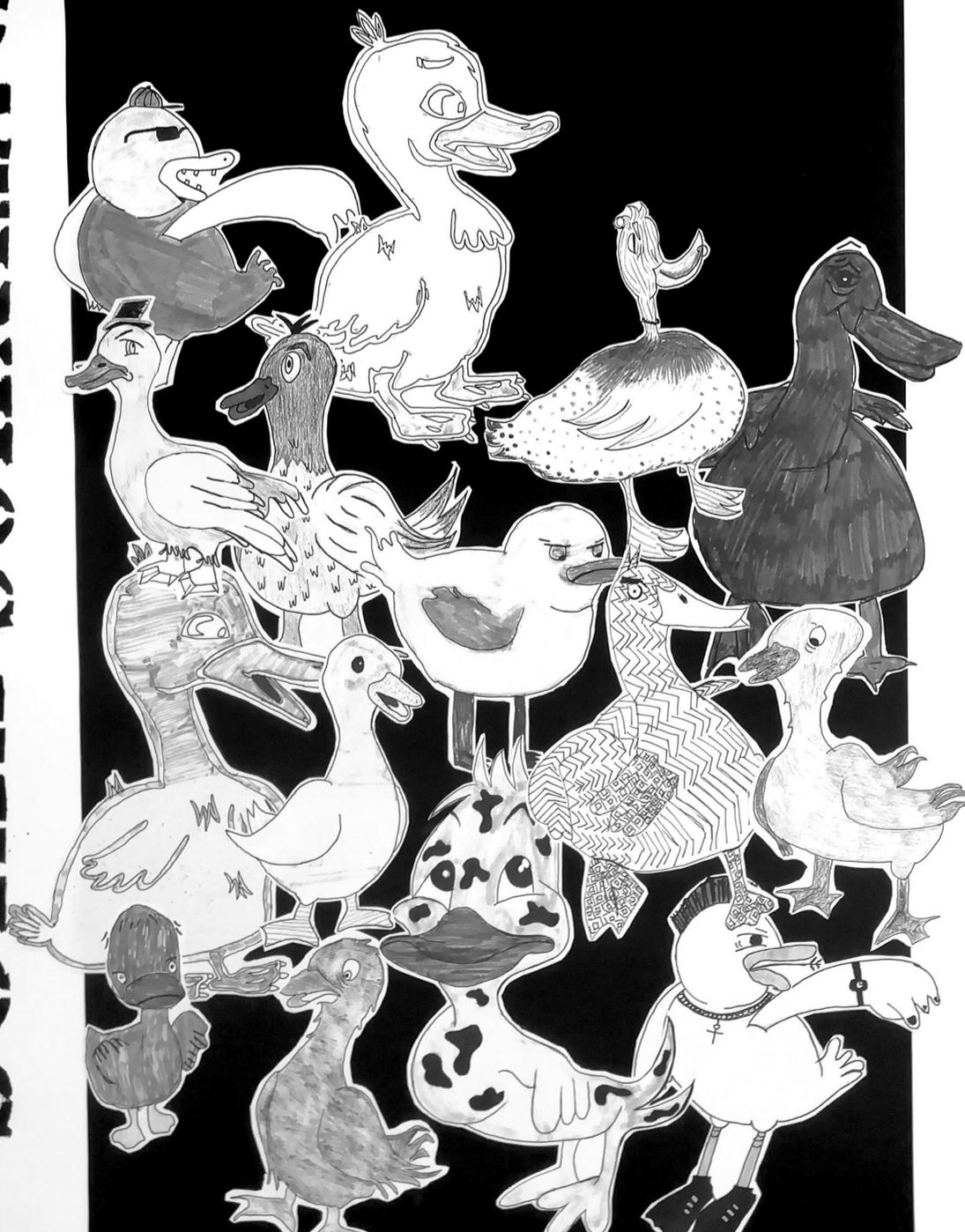
O racismo ao longo da história da humanidade conheceu episódios horripilantes, como foi o caso da escravatura. Com a história do patinho feio recordamos que o patinho foi sempre excluído das brincadeiras com os seus irmãos, porque tinha uma cor diferente, mas, no final, transformou-se num lindo cisne. Com esta história, aprendemos que não devemos julgar as pessoas pela sua aparência. Hoje em dia, há várias políticas que pretendem combater o racismo, mas cada um de nós deve denunciar qualquer forma de racismo e valorizar a diferença, pois é esta que enriquece a sociedade.

Para concluir, salientamos que todos juntos somos capazes de fazer a diferença!

CIDADANIA

SOCIEDADE

RACISMO  
AOS  
MONTES



MONTES DE  
EU SEUS DE

EM MOVIMENTO

Na terceira idade, a saúde está mais fraca, os idosos estão mais sozinhos e precisam de ajuda.

Nesse sentido, é importante aumentar o acesso aos cuidados de saúde, inclusivamente a sua felicidade. Por exemplo, manter contacto regular com os idosos, através de atividades desenvolvidas pelos alunos nas escolas, tal como o que fizemos em Cidadania e Desenvolvimento.

Continuando, é essencial proporcionar visitas das famílias ou amigos, para que estes se sintam acompanhados, melhorando a sua saúde mental. Apesar dos impedimentos causados pela pandemia, é necessário arranjar formas alternativas de comunicar com os idosos, como, por exemplo, através de videochamada ou projetos escolares como temos feito no 8.º ano.

Em suma, para uma saúde equilibrada, os idosos precisam de cuidados especiais, vigilância e companhia, por isso cabe a todos nós contribuir para o seu bem-estar, sem esquecer a sua segurança.



CIDADANIA

# EDUCAÇÃO AMBIENTAL



## PROTEÇÃO DA NATUREZA

Como qualquer outro cidadão responsável, nós preocupamo-nos com o meio ambiente e queremos protegê-lo.

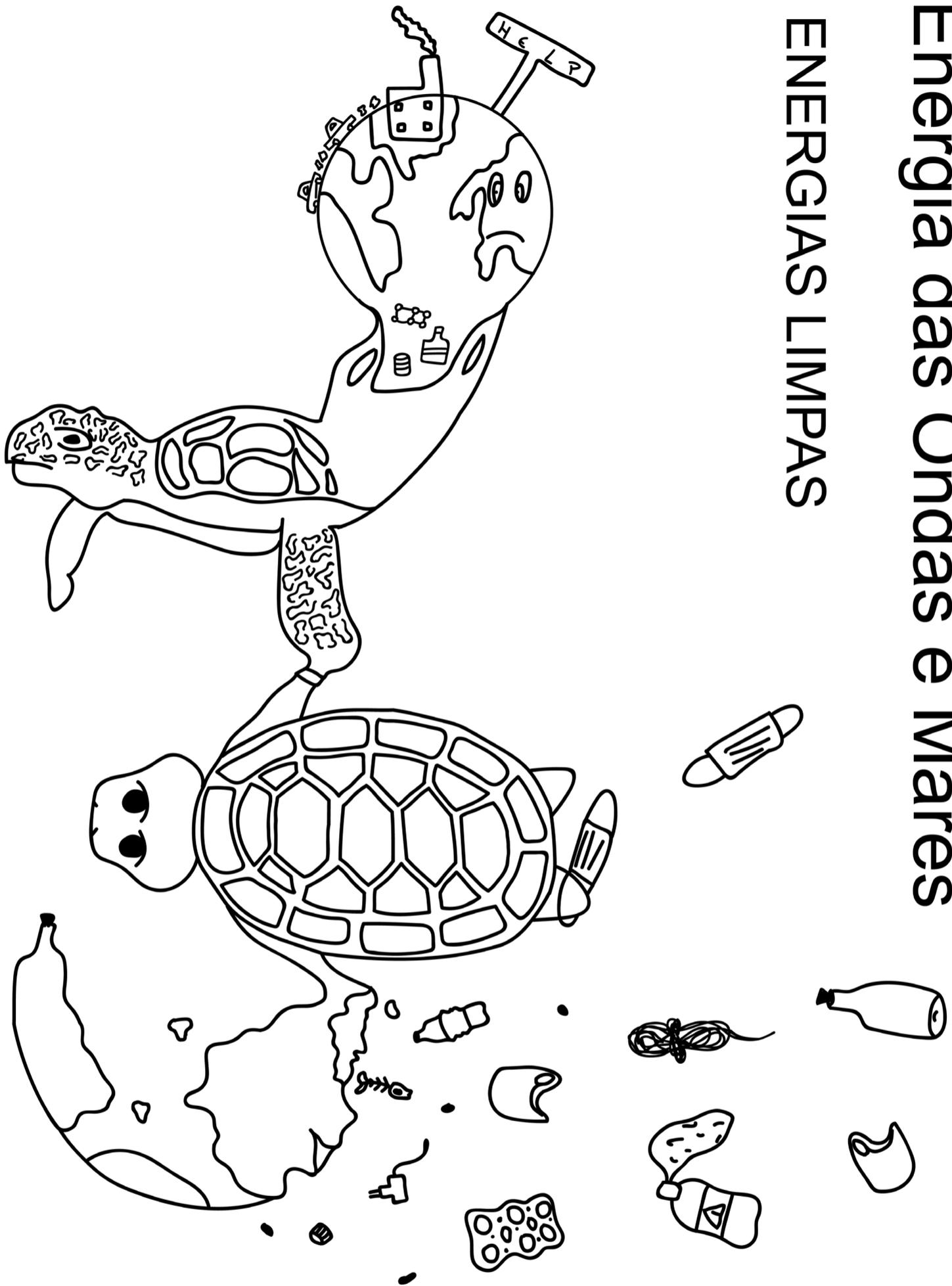
Assim, acreditamos que o primeiro passo para diminuir a poluição ambiental é seguir a regra dos 3R's, ou seja, diminuindo o consumo de plástico e outros resíduos, reutilizando resíduos que seriam desperdiçados, por exemplo, para fazer trabalhos escolares, e reciclando os resíduos, utilizando os ecopontos que nos são providenciados.

Com isto, estamos a contribuir para a redução do aumento da poluição ambiental e a garantir uma melhor qualidade de vida para as gerações futuras.

Por fim, se não alterarmos os nossos hábitos de consumo e de desperdício, todos, incluindo o planeta, irão sofrer as consequências do aquecimento global e das nossas ações.

# Desenvolvimento Sustentável

## Energia das Ondas e Marés ENERGIAS LIMPAS



As Energias Limpas são energias renováveis que não causam poluição na emissão de substâncias, (Solar, Eólica, Biomassa, Geotérmica e das Marés) e servem para ajudar o planeta a sorrir.

Os recursos naturais são das principais riquezas da natureza dos Açores para o desenvolvimento cada vez maior das Energias Limpas.

Apesar destas serem virtualmente inesgotáveis, a quantidade que pode ser extraída é limitada, mas têm a vantagem de não produzirem emissões de gases com efeito de estufa, podem ser exploradas localmente, o que contribui para reduzir a necessidade de importação de energia.

Podemos concluir que as Energias Limpas são uma ótima escolha para um futuro melhor.

# DESENVOLVIMENTO

# SUSTENTÁVEL

AQUECIMENTO

GLOBAL



(EFEITO DE

ESTUFA)

MOVIMENTO

A emissão de gases está a aumentar em todo o mundo mais depressa do que as ações para lidar com a questão, ou seja, cada vez mais temos temperaturas globais mais altas, maiores níveis de poluição ambiental e sonora e, necessariamente, alterações climáticas graves.

As alterações climáticas podem gerar anos de seca, o que se reflete nos danos na agricultura, maior ocorrência de incêndios florestais, e também invernos mais rigorosos.

A resposta está no uso cada vez maior de energias renováveis, face aos combustíveis fósseis e uma diminuição progressiva das emissões de dióxido de carbono das fábricas.

Uma realidade presente nas sociedades atuais é a de pessoas que se deslocam em busca de oportunidades de trabalho ou económicas, para escapar de conflitos, perseguições, terrorismo ou violação de direitos básicos fundamentais.

Os direitos humanos assumem o reconhecimento da dignidade e de direitos iguais e inalienáveis a todos os membros da sociedade. Constituem o fundamento da *Liberdade*, da *Justiça* e da *Paz*. Assim, um valor transcultural tem de ser o da aceitação, acolhimento e inclusão de migrantes, tornando-os cidadãos de pleno direito, promovendo a globalização e o enriquecimento cultural das sociedades, tornando o mundo mais justo e melhor.

Urge refletir sobre o problema dos *Migrantes* e AGIR!

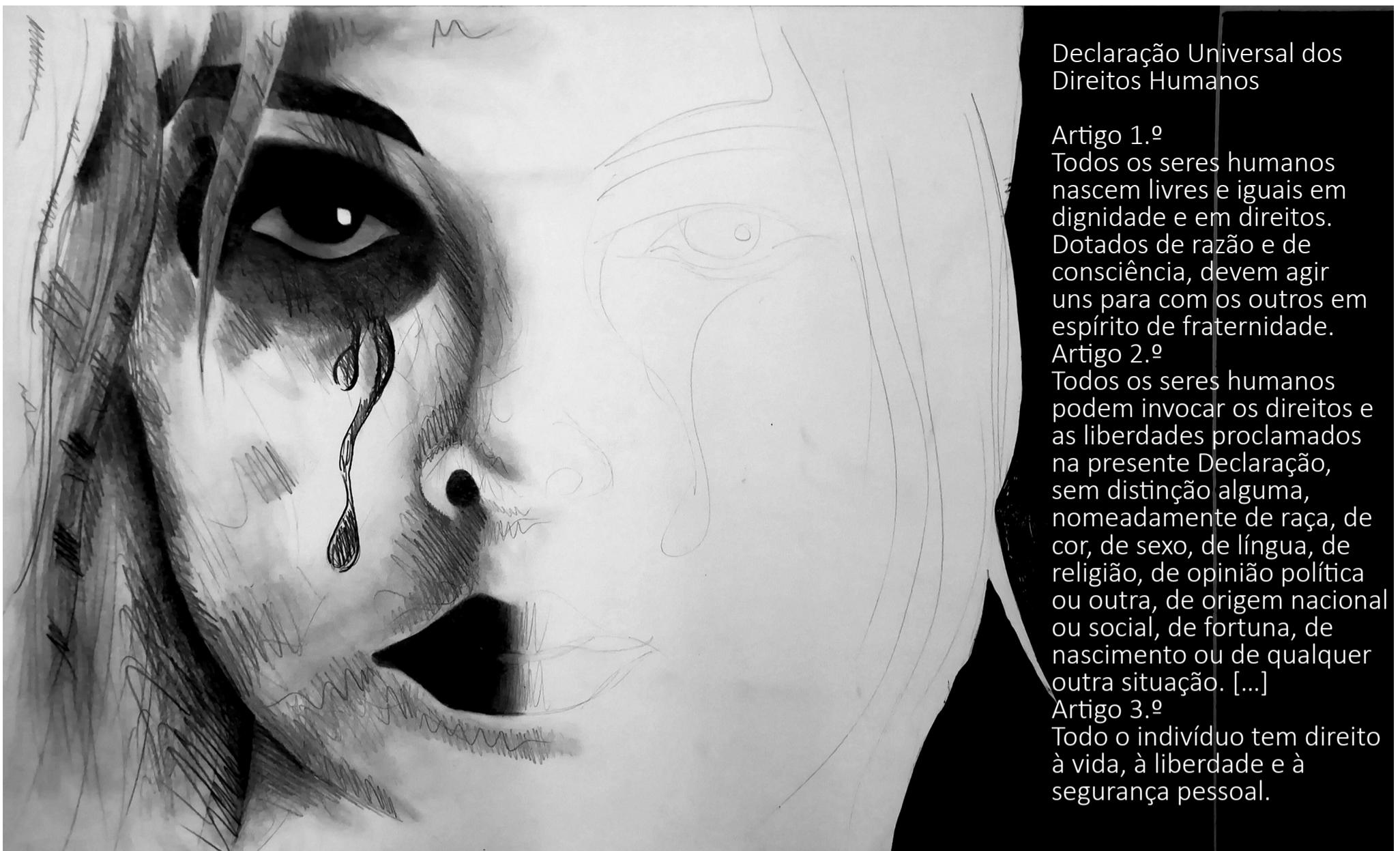
...OS MIGRANTES  
...OS MIGRANTES



SEM  
RUMIO...



CARTAZ [MARTIN BETTENCOURT\_ALUNO DE ARTES DO 10ºD]\_TEXTO [TURMA DO 10ºD]



Declaração Universal dos  
Direitos Humanos

Artigo 1.º

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.

Artigo 2.º

Todos os seres humanos podem invocar os direitos e as liberdades proclamados na presente Declaração, sem distinção alguma, nomeadamente de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião, de opinião política ou outra, de origem nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou de qualquer outra situação. [...]

Artigo 3.º

Todo o indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

# + direitos para as mulheres

A desigualdade entre homens e mulheres é uma realidade muito evidente no mundo do trabalho, na participação da mulher na vida pública, nomeadamente no exercício de cargos políticos. Esta realidade é ainda mais marcante nos países em vias de desenvolvimento, sem estruturas de apoio social, levando a UNESCO a considerar, em pleno século XXI, que as mulheres e as crianças são as pessoas – económica, cultural e socialmente - mais vulneráveis e as pobres, entre os pobres.

É um facto que, historicamente, as mulheres são discriminadas por uma arbitrariedade da natureza, puramente anatómica, condenadas a uma vida social e culturalmente inferior, muitas vezes.

Para além da discriminação no acesso ao trabalho e no exercício de cargos públicos, a mulher continua a ser a principal vítima de violência na família, assim como as crianças.

No nosso país, e mesmo na RAA, são as mulheres as mais afetadas por baixos salários, contratos precários; horários de trabalho violentíssimos que põem em risco o bem-estar da mulher e, conseqüentemente, da família.

Deste modo, apesar da Constituição da República portuguesa garantir à mulher igualdade de direitos, eles não são efetivos, na prática, porque é necessário, sobretudo, mudar as representações do feminino e uma cultura assente no poder patriarcal.

CARTAZ [FILIPE REIS\_ALUNO DE ARTES DO 11ºF]\_TEXTO [TURMA DO 11ºF]

# EDUCAÇÃO AMBIENTAL

## USO DO PLÁSTICO



O uso do plástico “tornou-se um desastre planetário, e por culpa nossa” - Martina von Muenchhausen  
O plástico é um problema cada vez mais preocupante para todo o planeta. Os produtos plásticos são comprados e de seguida descartados indiscriminadamente sem a mínima consideração sobre o seu impacto no meio ambiente e consequentemente no próprio ser humano.  
Sabemos que em média são despejados entre 4,8 e 12,7 milhões de toneladas de plástico que se acumulam em ilhas com dimensões 669 vezes superiores à área dos Açores e, independentemente do cômputo das medidas que visam minimizar este problema, este não nos afasta das negras previsões para 2050 que apontam para 12 biliões de toneladas.  
Assim, temos de tomar mais atitudes, tais como suportar empresas que valorizem o meio ambiente e o uso de outros materiais alternativos, reutilizar sacos de plástico no dia a dia, sem nunca esquecer a reciclagem dos mesmos quando perdem a utilidade.  
Em suma, o uso do plástico é um tema que tem impacto em todos nós, como cidadãos deste mundo e, assim sendo, está nas nossas mãos proteger o futuro deste planeta.

# NOTÍCIAS DA ESCOLA

## A BIBLIOTECA ESCOLAR NÃO PARA

Este não foi um ano como os outros. Houve restrições, máscaras a tapar os sorrisos, discussões por causa de distribuidores de desinfetante que desaparecem misteriosamente (não é verdade, caro fantasma que assombra a entrada da biblioteca?) e por causa de um distanciamento que alguns teimavam em não respeitar.

Este não foi um ano como os outros, mas a biblioteca não fechou portas e continuou aqui, disponível para vos receber ao longo do dia. Não foi possível trabalharmos como habitualmente, tivemos que nos adaptar e fazer coisas de que não gostámos: vedámos o acesso às prateleiras, inventámos caixotes para os livros confinados, espalhámos cruces a dizer que neste lugar ninguém se pode sentar, para que todos estivessem em segurança.

Não gostámos, porque, para nós, uma biblioteca é um lugar vivo e os livros são para folhear, para virar de pernas para o ar, para ler só um bocadinho ou para requisitar, para escolher pela capa ou porque alguém nos disse que vale a pena ler aquele livro e não outro, são para devolver no dia seguinte, quando nos criam raivas que nem sabemos de onde vêm, ou para requisitar vezes sem fim quando gostamos deles.

Não gostámos porque preferimos não ter de vos dizer que já não temos lugar ou que não podem trabalhar em grupo, porque achamos que se aprende confrontando ideias, discutindo, chegando a um consenso e negociando.

Não gostámos, mas acabámos por descobrir que, quando não podemos fazer as coisas de uma maneira, inventamos outros caminhos.

Foi assim que, ao longo do ano, a equipa organizou exposições, dinamizou projetos, fez vídeos, foi às salas, divulgou livros e promoveu a leitura, ensinou regras para elaborar trabalhos (tendo em conta os direitos de autor), inventou jogos, e deu formação a professores e alunos para que utilizassem determinados recursos digitais.

Trabalhámos muito e ficámos contentes com o facto de tantos de vocês terem passado por aqui e pela forma como nos receberam nas vossas salas.

No entanto, continuamos a achar que a biblioteca só é verdadeiramente útil quando, além de ser um espaço de lazer, faz parte do processo de ensino-aprendizagem e é por isso que queremos que nos digam o que gostavam de propor para o plano de atividades do próximo ano.

Passem pela biblioteca, enviem-nos um mail ou contactem-nos numa das nossas redes sociais e deixem as vossas sugestões.

Façam-se ouvir, porque acreditamos que a biblioteca não é só o que ela contém, mas também todos os que a frequentam.

A Equipa da Biblioteca Escolar



2º lugar - Narsélia Silva [8.º E]

## Concurso "Pinta tu España - concurso de cartazes"

Neste ano letivo, e à semelhança dos anos anteriores, os alunos de Espanhol do Terceiro Ciclo e do Ensino Secundário da Escola Secundária Manuel de Arriaga participaram no "XVIII Prémios Pilar Moreno 2021, com cartazes alusivos a aspetos relacionados com a língua, sociedade, cultura e história de Espanha, no âmbito do concurso "Pinta tu España - concurso de cartazes".

No entanto, tendo em conta a grande adesão dos alunos à atividade, foi realizada, pela primeira vez a nível de escola, uma seleção de cartazes, com o intuito de valorizar o trabalho e o esforço dos alunos na atividade. Neste sentido, as docentes de espanhol decidiram atribuir, além dos três primeiros lugares, mais quatro prémios de honra pela qualidade e criatividade dos trabalhos.

Assim, os três premiados foram: **1º lugar - Filipe Reis (11.º F)**, **2º lugar - Narsélia Silva (8.º E)** e **3º lugar - Isabel Medeiros (9.ºD)**.

Os premiados de honra foram: **4º lugar - Alexandra Luís (11.ºD)**; **5º lugar - Maria Vieira (7.º D)**; **6º lugar - Ana Cebola (7.ºE)** e **7º lugar - Matilde Vargas (8.ºE)**.

Além do prémio oferecido pelo Conselho Executivo da ESMA, os três primeiros premiados receberam diplomas com a distinção do lugar de destaque e os dois restantes receberam também diplomas de honra.

Não obstante, todos os alunos que participaram na atividade receberam um certificado de participação.

Os alunos de espanhol demonstraram interesse, empenho e criatividade na elaboração dos cartazes. Tal como dizia Pablo Picasso, "Cada criança é um artista. O desafio é permanecer um artista depois de crescer".

Segundo o aluno Filipe Reis do Curso de Belas Artes, "Este concurso é uma excelente iniciativa para a divulgação dos trabalhos de artistas". Já os alunos do 11.º ano, que aderiram de forma positiva, aconselham vivamente a participação de todos os alunos neste concurso, nos próximos anos letivos.

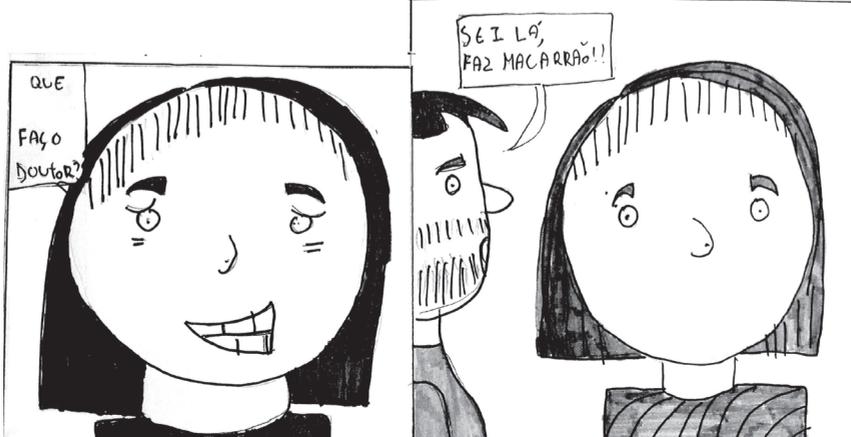
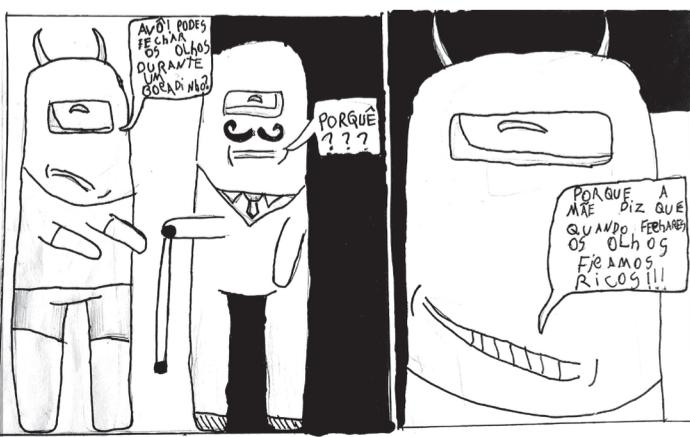
Por fim, todos os trabalhos realizados pelos vários alunos foram enviados para a Embaixada de Espanha, em Lisboa e os resultados serão divulgados, em princípio, durante o mês de junho, ainda que para a Escola Secundária Manuel de Arriaga já haja um vencedor.

## COMEMORAÇÃO DO 25 DE ABRIL

No âmbito das comemorações do 25 de abril que este ano se realizaram na escola esteve patente na biblioteca, entre os dias 23 e 30 de abril, uma exposição bibliográfica sobre o século XX português.

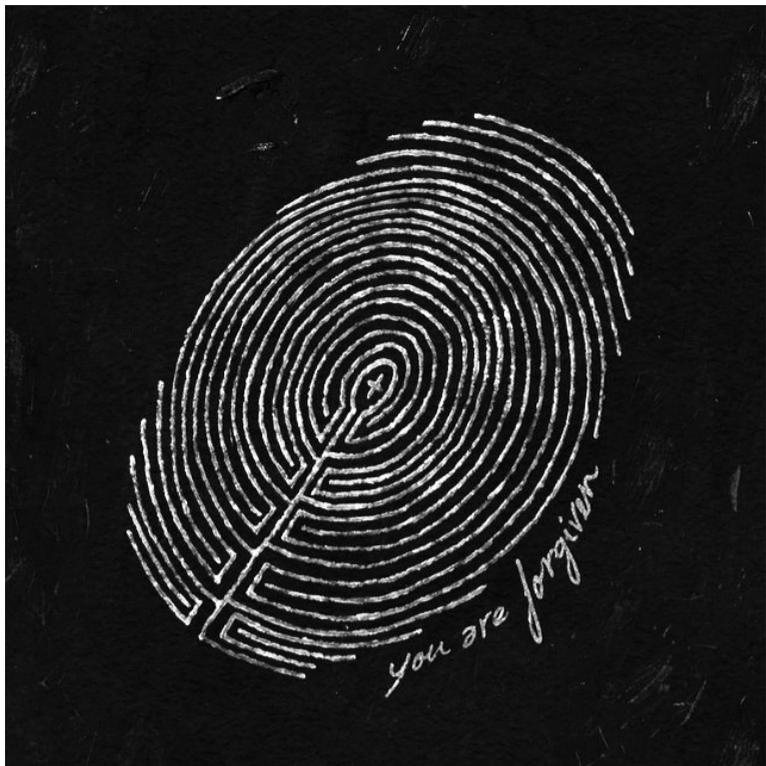
A exposição incluiu diversas obras de historiadores portugueses sobre o período da Primeira República (1910-1926), Salazar e o Estado Novo, bem como as tentativas de deposição do governo saído do golpe militar de 28 de maio de 1926 durante os anos iniciais da sua afirmação (o período do chamado «revirvalho»). Esteve também em destaque alguma da historiografia sobre o papel da PIDE/DGS como instrumento da política repressiva do Estado Novo em Portugal e nas ex-colónias, nomeadamente em Angola, e, finalmente, algumas obras, pela mão dos seus mais destacados agentes, sobre o Movimento das Forças Armadas, a preparação e efetivação do golpe de Estado que, em abril de 1974, derrubou o governo de Marcelo Caetano e instaurou a democracia, assim como o período do PREC (Processo Revolucionário em Curso), que ficou concluído a 25 de novembro de 1975 e cujo conteúdo político seria, no fundamental, vertido na Constituição de 1976. Esta fase da história do país surge retratada em obras de (ou sobre) Otelo Saraiva de Carvalho, Vasco Lourenço, Melo Antunes, Vasco Gonçalves, Costa Gomes, e ainda em obras de historiadores ou de testemunho direto dedicadas especificamente a este período. Por fim, há a assinalar uma história breve sobre a resistência ao Estado Novo nos Açores, escrita por Mário Mesquita.

Esta exposição bibliográfica foi complementada com a participação do Clube de Filatelia *O Ilhéu*, através da publicação pelos CTT de um selo comemorativo da autoria de Adalberto Branco. No átrio da escola esteve ainda patente, durante o mesmo período, uma exposição de fotografias sobre o golpe militar do dia 25 de abril, em Lisboa, dos irmãos Álvaro Tavares e José Tavares, fotojornalistas do *Diário de Notícias*. A organização das comemorações foi da responsabilidade do Departamento 3.



# HOJE SUGIRO...

## O PERDÃO MARAVILHOSO DO LENTO JOTA



ÁLBUM: YOU ARE FORGIVEN  
AUTOR E INTÉRPRETE: SLOW J  
EDIÇÃO DIGITAL: SENTE ISTO  
ANO: 2019  
GÊNERO: HIP-HOP/RAP  
TEMAS: #1. TAMBÉM SONHAR (COM SARA TAVARES);  
#2. FAM (COM PAPIILLON); #3. ONDE É QUE ESTÁS?;  
#4. LÁGRIMAS; #5. TEU ETERNAMENTE;  
#6. SÓ QUERIA SORRIR; #7. MEA CULPA;  
#8. MUROS; #9. SILÊNCIO



*Arranhar as costas de mil montanhas  
Desembarcar, cair, de tudo  
Na terra, na lua, no fundo  
Um mundo só pode ser mais, ser mais  
Sou Maria capaz de sonhar  
Até à última gota  
Dou o sonho dos cotas  
Se morrer nem me notas  
E então, se um dia, só um dia*

(Slow J, Também sonhar)

Inteiramente cantado na língua de Herberto Hélder e Maria Gabriela Llansol, assim começa, pelos pingos de prata que é a voz de Sara Tavares, o álbum *You Are Forgiven*, o segundo do rapper e produtor português Slow J, cuja audição sugiro do princípio ao fim, naturalmente por uma questão de gosto — tal qual aconteceria se viesse sugerir uma das gravações recentes da segunda sinfonia de Rachmaninov ou da primeira “Titânica” de Mahler. E fazê-lo não significa uma concessão a nada, antes a manifestação de uma partilha, que fundamento em três razões:

1) por tratar-se de uma obra delicada, belíssima, sofisticada, provavelmente a mais relevante de entre quantas foram produzidas no ano de 2019, no panorama da música nacional — curiosamente, o mesmo em que o rapper e produtor Dave conquistou, com *Psychodrama*, todos os prémios possíveis da

música britânica, incluindo o muito prestigiado Mercury Prize;

2) porque apresenta — inclusive com atenção à sua poética — propostas desempoeiradas, que olham para trás e ao mesmo tempo para a frente, e às quais incito a que deem a melhor atenção, com inteligência e sensibilidade abertas, mas sobretudo sem preconceitos de nenhuma espécie;

3) porque partilha com os outros aquilo que, na descrição oficial do disco, vem referido como a “labiríntica jornada interior de um ser humano que procura simplesmente ser ele próprio e ser feliz”.

Com o nome de palco Slow J, João Batista Coelho [n. Setúbal, 21 de setembro de 1992] não é propriamente um novato nem um desconhecido; aliás, já ultrapassou o estatuto de artista revelação, logo alcançado com o seu primeiro trabalho em nome próprio, o minialbum *The Free Food Tape*, de 2015; e muito particularmente após a edição do disco *The Art of Slowing Down* [Sente Isto: 2017]. Mas após uma boa mão cheia de temas lançados avulso — como *Fome*, *Nunca Pares* (gravado em parceria com Papillon e Stereossauro), ou *Puristas* (incluído num álbum dos Beatbombers) —, eis que *You Are Forgiven* vem confirmá-lo como um

artista com A bem grande. Tanto assim que nos últimos anos tem atuado em salas de concerto muito prestigiadas (como os Estúdios Time Out, Hard Club ou Casino Lisboa) e em festivais da primeira linha (como o Super Bock Super Rock, F, North Music Festival, Monte Verde, Beat Fest, Iminente e Bons Sons, entre outros).

Mestre na *capacidade de entender a história e de reclamar um lugar no seu fluxo, sem enjeitar o que existe à sua volta e o que vem galopando na sua direcção, vindo do futuro* [Rui Miguel Abreu, <https://www.rimasebatidas.pt/os-10-melhores-albuns-nacionais-de-2019/>], os créditos do álbum também confirmam Slow J enquanto criador que não se fecha sob a campânula dele próprio; pelo contrário, que se abre à participação de alguns dos principais intervenientes do hip-hop e da música nacional, como Charlie Beats, Francis Dale, Fumaxa, Gson (cuja voz se ouve, inconfundível e cheia de personalidade própria, no tema FAM), Bernardo Cruz, Nuno Cacho, Rubik, Richie Campbell e DJ Ride.

No mais, ressalta claro neste disco de Slow J a delicadeza e a cuidada ponderação das nove pérolas que nos oferece, plenas de lirismo — porém, sem filigranas desnecessárias! —, sentido íntimo e assertividade; jeito para *transformar vida em arte, experiência em canção, dor em luz* [Rui Miguel Abreu, *Loc cit*];

ricas em referências cultas (sem grilhetas nem fronteiras de espécie alguma, do fado ao trap); que as guindam para o âmbito de uma música consciente e elevada, ao invés de as situarem na prateleira circunstancial de um género determinado, mera expressão de uma subcultura, vicissitude urbana ou ativismo geracional:

*Eu queria ser a cria que ia libertar o mundo  
A lâmpada que acende e te guiar no escuro  
Há tanta máquina que tende a incentivar o fumo  
Eu queria incendiar o sumo, motivar o puro  
Motivado por essa mensagem de Mandela e de Tupac Shakur  
Essa mensagem de Valete e de Bashar desde o  
Tempo em que eu era puto  
Tempo em que eu era tudo*

(Slow J, Silêncio)

Plenas, felizes, audazes audições, quer seja ao volante do automóvel pelas verdejâncias da ilha, no conforto recolhido do lar, ou simplesmente caminhando contra o vento no rosto pela avenida marginal ou ao longo da elegância areal do Porto Pim!

RUI MACHADO

